

Notas para minha biografia
escritas pelo próprio Mário var
curiosidade.

Esta é a biografia que
pedi ao próprio Mário Ferreira,
e da qual tirei o resumo dactilografado
e que o Mário, recebeu cópia e aprovou.

Mário Ferreira, de nome completo Mário Sidáuduto de Azevedo Ferreira,
nasci em 14 de Fevereiro de 1901, na cidade do Porto. **NB**

Desde cedo, pela mão do meu pai, tomei parte em acontecimentos
que se fixaram na memória. As manifestações pró-Franco
Ferre, a implantação da República em 1910, etc.

Um dia, meu pai levou-me à redacção do jornal "A Vida" instalada
então numa casa da extinta do Carmo, onde me despertou
a curiosidade a conversa que meu pai entabulava com uns
indivíduos, que não me ocorre o nome, mas sei que era affaire
de profissão. Nessa audaciosa com meu pai, destaco ter sido
uma vez a um sarrabito xito na R. do Comercio, Adelino
e sou de Piche que me fez oferta de seus livros, que estão
apreciei: As viagens de Gulliver e contos para nossos filhos
e a história de meu boado de pão. Era nesse estabelecimento
que meu pai adquiria os livros que lia. Despertou-se assim
o gosto pela leitura que até hoje se tornou quasi um vício.

Meu pai que então residia na Graça tinha na casa que ha-
bitávamos, criado uma espécie de club onde acorriam varias
pessoas e se encontravam os livros de meu pai, como a Con-
quista do Pão, A grande Revolução, O Universal, Psicologia
do Habitante Profissional, o Indivíduo e a Sociedade, e tantas outras
permeavelmente com folhetos de propaganda social como o Rei e o Crax
quista, entre Compromissos, a terra de formais como "A Sementeira"
"terra Livre" e A Vida. No segundo acompanhei o desenvolvimento da
Revolução Mexicana que me apaixonou. Todo o tempo disponível
passava a devorar esta leitura com pouco agrado de meu pai
que via nisso um desvio de atenção para os estudos.

Erão avidos, sobretudo no domingos, na casa de meu pai
onde por vezes almoçavam, indivíduos como os quei me rela-
cionei mais tarde, mas que estão, quando presentes me deli-
taram com as conversas que tinham com meu pai, e que fazia
dizer a este que eu apreciava mais a companhia dos velhos que
os rapazes da minha idade.

Erão meus ~~os~~ indivíduos os camaradas: Manuel Joaquim de
Lopes, o mais avido, trafoim Luceno, Alvo Duina, Costa Bar-
valho, Norberto Teixeira de Carvalho, Manuel Luiz de Costa Junior,
e Tiberio Teixeira, que tinha sido revolucionario do P. de Janeiro

Quando meu pai regressou ao Porto por volta de 1920, fui com
ele visitar o Centro Comunista do Porto, cuja sede nessa altura era
na Rua Firmesa. Lá conheci o camarada António José de Brito.
Este Centro mudou-se para a R. de Entrepedras num anexo à loja
das Artes Gráficas. Era aqui e na redacção de "A Comuna"
sete no Praa do Sol em que passaram as primeiras horas da noite.
Convinha então com homens que hoje recordo com saudade:
Mário de Almeida, Mendes Martins, Gonçalves Pereira, Brito, Lúcio,
Clemente Vieira dos Santos, Margarido de Paiva, José Álvaro e o irmão
que me chamavam Cristiano de Carvalho. Tinha-se criado um núcleo
da frente de sindicalista do qual fui parte. Exararam algumas
páginas plenas de irreverência e de idealismo, sendo existiam lá
profissionais a reuniões.

Desse tempo fiquei na memória alguns factos: quando a actor
Alves da Cunha veio ao Porto representar "A Taberna" do Zola,
os integralistas triplicados prepararam-se para pôr a representação
cã. A frente de sair em peso no teatro alguma de seus membros
os integralistas intimidaram-se; um dia a frente de Simão
calista de Aveiro promoveu uma homenagem ao grande Triunfo
José Estevão. A frente do Porto com a sua bandeira sempre
receu em número. As autoridades locais mantiveram as tropas
de prevenção durante a nossa permanência e para nos afastar
da cidade, puseram à nossa disposição 2 "móveis" que nos trouxeram
Porto para S. Jacinto.

No Centro Comunista estaborei durante a duração do espectáculo
professor na manutenção das aulas de francês, e tomei parte em
todas as manifestações por ele organizadas.

No "A Comuna" durante alguns anos era o encarregado de
confeccionar as "cuntas" das permutas e assinantes do estiramento
que eram muitas e deviam ser feitas semanalmente. Também
colaborava com artigos no jornal.

Um dia um grupo de pseudo camaradas, capitaneados por
um transfuga das ideias - Julião José Pideiro - tendo sido
escoracados da Comuna onde tentavam infiltrar-se, deu a pu-
blicidade em jornal com peças anaco-individualistas, com o
título "Refractário" juntamente com outros, saiu à lica com
um jornal "Sol Nascente". Um e outro, tiveram vida efêmera.

Em data que não me ocorre fui nomeado pelo anarquista do Porto seu delegado ao Congresso anarquista que se realizou em Lisboa na sede do Sindicato metalúrgico.

BN

Em seguida, quando abraei a profissão de electricista, fui nomeado secretário do Sindicato Metalúrgico, do qual os electricistas faziam parte.

Em 1924 ingressei, mediante concurso, como electricista nas oficinas de Campanhã dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, tendo pouco depois ~~se~~ sido nomeado vogal da direcção da União Ferro-Viária.

Nessa época, com outras camaradas, fundei a Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, organismo que se propunha unificar as varias escolas existentes em vários Sindicatos sociais e algumas conferencias que deram lugar, como as que se deram em Coimbra, Alvaro Viana de Leves e prof. Almeida Costa, todos da Universidade de Coimbra.

Depois de uma breve estadia no Entoneamento mereci de passagem das lanchas ferricas do Estado para a C.P. isto demittiu-me.

A seguir a um mes de desemprego, a firma suica com a qual estoborei na montagem de H.T. no Entoneamento, arranjou-me collocação na Central geradora da Companhia Carris do Porto, em Espinho. Pouco depois a convite do engenheiro ~~de~~ fe dessa Central passei ao serviço da referida Companhia.

No seculo do meu ingresso, os camaradas da Carris do Porto e Braga nomearam-me seu delegado ao Congresso dos Trabalhadores que se realizou em Lisboa na sede do Centro Socio-Operaria.

O pessoal da Carris do Porto passou a editar um jornal da classe "O Voz do Ferro-Carril" para o qual fui nomeado redactor responsavel.

Esta minha actividade não deixou de trazer eu e outros. Ainda estava nas oficinas de Campanhã, do Minho e Douro,

Um dia fui intimado a apresentar-me na policia de
depois do Estado, onde fui interrogado pelo celtico Norai Sauvage
to, que mais tarde viria a ser morto em Angola.

O motivo que me levou la foi ~~ter~~ ter escrito uma tese para
um congresso de juventude, Tese essa encontrada no bolso de
camarada Antonio Inacio Martins que foi preso.

Com mais ou menos habilidade consegui desveestir-me
do sarilho.

O mesmo não aconteceu mais tarde, foi ao serviço no Cen-
tral de Navarra.

Devido a interrupção de correspondencia com camarada de
Lisboa, um agente da celtica PIDE foi-me buscar ao lo-
cal de trabalho e encerrou-me nas prisões ~~particulares~~ particu-
lares e estas situadas na F. Digue de Loulé, onde pontifica
va o famigerado ~~Fato~~, Fato. Encontrou lá os camaradas
Lebilio de Faria, Brito de Campos e Antonio Inacio Martins.
que comigo faziam parte do Comité Quinquista do Porto.

Após o interrogatório, acompanhado com as costumes cari-
cias salazarianas, fui transferido incomunicado para o alpre-
to do Porto onde permaneci seis dias, a seguir enviado
para a sede da PIDE em Lisboa e daqui para a esquadra
do Lapa onde me mantiveram incomunicado e sem dias.
Não ficaram por aqui. Encerrou-me no Alentejo de Lisboa
anteriormente prisão de mulheres, onde permaneci 3 semanas e
em todo dia eu e os restantes camaradas celticos entrávamos
na Penitenciaria onde ficamos de quarentena a aguardar
transporte para a ilha Terceira. Ao fim de 4 meses permi-
ram-nos em liberdade.

Quando ao fim do vido saí os olhos para o passado que
vivi, assolto-me uma profunda tristeza. A saudade de
camaradas com as quais conspiráramos todas as enfiadas
da luta revolucionaria, todas as inquietações da con-
tante irreversibilidade, a perda durante cerca de 50 dias
de uma relativa liberdade que vivera e por último
a alegria de a viver de novo, e nesta altura que

que me vem a' mente uma serie de camareadas, já
 desconhecidas e nos quais ~~se~~ vi'darem o melhor do
 seu esforço em prol de seu Ideal que nos inspirava.
 Entre outros que esqueci, eram elles: Luciano, **N** Sisto
 Comalho, Cristiano de Carvalho, Alzer Jansen, Teixeira,
 Libanio, Clemente V. dos Santos, Leão, Rainier, José e Antô-
 nio Trácio Martins, Tarácio Luiz, Peboledo, João Carlos,
 Sécio Ferreira da Silva, os irmãos Trías, Maria Julia
 Feixoto, José Margarido de Paiva, Victor, Abilio Faria, José
 Henri de Campos, Copinhaus, etc.

Por isso, pouco soube. E sempre se' seu Ideal
 ser amado sempre.

P. S. Da minha actuação indirecta e' tambem de' fei-
 to parte da direcção da Lei da Actos de Viacão Intelectual
 que funcionava quando foram extintos os Directores Li-
 ngs, e a criação do Sindicato do Pessoal das Centrais
 Electricas, para o qual fui nomeado secretario, mas
 impedido de tomar posse por um imperativo dos
 delegados do S. Nacional do Trabalho do Porto, por ser ~~com~~
 considerado elemento perigoso.

- Notas para uma biografia -

BN

Meu pai - a minha vida de militante do Ideal Acabado, não pode dissociar-se de meu pai. Não porque exercere em mim uma influência imperativa, era demasiado tolerante para o fazer, mas sim por que me proporcionou um meio de educação que me possibilitou, desde de rapaz, ⁽²³⁻⁹⁻¹⁸⁷⁵⁾ chamar-se João de Azevedo Ferreira e nascer em 1875 numa aldeia remota do Alto Douro - Castanheira do Sul, S. João da Pedreira.

Concluído a 4ª classe na escola local - existia-me ele - Tio de Tomaz o nome de seu irmão e irmã. Veio servir para o Porto.

Quando se apresentou em certa casa comercial para trabalhar como marçano, sofreu um choque que o tocou profundamente. A vida que até então levava de despreendimento e liberdade, recordou uma vida de clausura e servilismo. O patrão dava-lhe uma papela que apenas tinha um bolso no lado superior esquerdo do casaco.

"Tera tabu" ter as mãos nos bolsos.

Até 5 da manhã levantava-se do tugúrio onde dormia para várias e arrumar o estabelecimento. Após isto, acompanhava de perto na cabeca a criada quando ia as compras ao mercado.

Nesse tempo as casas comerciais estavam abertas das 8 horas da manhã às 10 horas da noite. Nos domingos encerravam às 12 horas, então o patrão e familiares seguidos pelos servidos encaminhavam-se para um local dos arredores, onde acampavam para se baterem com os mercadores que os servos transportavam. Permaneciam no local a tardade toda, excepto quando o tempo não permitia, pelo que era o único tempo que os servos tinham de distração.

Quando meu pai pôde libertar-se dessa opressão foi virar para casa de uma irmã que tinha casado com um operário gráfico

